

Os Batistas no contexto do protestantismo brasileiro

Ademar Alves da Silva
Mestre em História pela UFGD

RESUMO: Discuto neste artigo o início da implantação da Igreja Batista no Brasil, suas doutrinas e os costumes de seus membros. Sendo assim, antes de iniciar a discussão sobre a instalação e desenvolvimento da igreja em estudo, discorro sobre a presença de igrejas protestantes no Brasil, pontualmente durante a colônia e de forma permanente depois da independência.

PALAVRAS - CHAVE: Batistas no Brasil, Igrejas Batistas no Brasil, Protestantes no Brasil

ABSTRACT: This article discusses the initial deployment of the Baptist Church in Brazil, its doctrines and customs of its members. So before we start discussing the establishment and development of the church in study one about the presence of Protestant churches in Brazil during the colonial and occasionally permanently after independence.

KEY - WORDS: Baptists in Brazil, Baptist churches in Brazil, Protestants in Brazil

Um breve histórico do protestantismo no Brasil

Igrejas protestantes são aquelas que estão em sintonia com esses princípios da Reforma, de *sola gratia, sola fides e sola scriptura*. Concretamente, esses significam que a salvação do ser humano procede da Graça Divina, não das obras humanas, mas depende da fé dos seres humanos. A Bíblia é a fonte de autoridade entre Deus e os seres humanos, não o papa nem a tradição. As igrejas protestantes mais importantes no Brasil são: a Luterana, a Batista, a Presbiteriana, a Metodista e a Anglicana¹. Esses cinco ramos do protestantismo dividiram-se em diversos sub-ramos que, por preservarem os princípios fundantes da Reforma, podem ser considerados pertencentes ao universo protestante. Como conservam os princípios da Reforma, as igrejas batistas fazem parte do protestantismo chamado tradicional ou histórico (MENDONÇA apud FERREIRA, 2006: 01).

¹ Alguns pontos em comum da doutrina dessas instituições religiosas são a crença na Bíblia como única fonte de regra e fé, a livre interpretação da Bíblia, a crença na salvação individual sem intermediários ou intercessores, a descrença nas penitências como confissão e indulgência por meio do terço, dando crédito às orações feitas espontaneamente (FERREIRA, 2006).

A primeira chegada de protestantes no Brasil pode ser chamada de “um protestantismo de piratas”, já que fora contemporânea das primeiras empresas colonizatórias não-portuguesas, que ambicionaram ancorar seus navios nas costas do Brasil. A maior parte desses navios tinha dono protestante; neles, havia incluso piratas europeus (AZEVEDO, 2004: 150).

Segundo Mendonça (1995: 23, 24), a primeira presença protestante no Brasil iniciou pouco depois da colonização portuguesa (1532), com a vinda da expedição de Villegaignon, em 1555. O conquistador francês Villegaignon contou com o apoio tanto do partido católico quanto de lideranças protestantes na realização da sua expedição ao Brasil, o que se justificou pela tensão existente na Europa, num período de completo fervor reformador e de pressão da Contra-Reforma.

A empresa contou com o apoio do líder huguenote² Conde Coligny, que objetivava fundar a França Antártica, um refúgio onde os huguenotes pudessem realizar em liberdade o culto reformado. Os calvinistas que se associaram à empresa tinham uma “visão do paraíso”, pois, a França Antártica seria um local onde os mesmos poderiam, pela pregação do evangelho, construir de novo o cristianismo em sua pureza original. Calvino se interessou pela empresa e, assim, enviou pastores e os orientou para manter a pureza da doutrina reformada (MENDONÇA, 1995:23-24). Isso, no entanto, não ocorreu. Um dos pontos centrais da Reforma, a divergência com relação ao valor dado aos elementos da eucaristia, passou a ser ignorado nas Igrejas da França Antártica, onde começaram a se fundir tradições católicas, como, por exemplo, o uso do sal e do óleo, junto à água do batismo. Influenciado pelo frade Jaen Cointac, Villegaignon deixou transparecer sua identidade católica, passando a acrescentar aos cultos crenças do catolicismo, como: as orações pelos mortos, o purgatório, sacrifício da missa e a invocação aos santos.

Isso ocasionou o fracasso do projeto de evangelização protestante. Como os calvinistas não aceitaram essas modificações na celebração, reproduziram-se sob os céus da América as tensões e as lutas da Reforma que aconteciam na Europa. O pequeno grupo de franceses logo deixou de persistir nos seus intentos religiosos de unidade e tranquilidade.

O principal fator de ordem não-religiosa que contribuiu para o declínio da França Antártica foi a resistência portuguesa. Com a expulsão de Villegaignon e a destruição da Colônia da Guanabara em 1560 estava acabado o primeiro plano de fundação do protestantismo na América do Sul. Todavia, couberam àqueles huguenotes colonizadores o

² Huguenote é um termo que foi aplicado aos [protestantes franceses](#) (quase sempre [calvinistas](#)) durante os séculos [XVI](#) e [XVII](#).

mérito de terem organizado a primeira igreja protestante, de acordo com o modelo da Igreja Reformada de Genebra, e de terem realizado o primeiro culto protestante, sob os céus da América, no dia 10 de Março de 1557 (MENDONÇA, 1995: 23-24).

A mais séria e durável tentativa de instalação de uma igreja protestante no Brasil ocorreu no período em que os holandeses se fixaram no Nordeste, devido à ocupação da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais. Os holandeses trouxeram consigo a sua organização eclesiástica nos mesmos moldes da Igreja Calvinista de Genebra³. Não existem vestígios comprovados de que a intenção dos holandeses, ao dominarem o Nordeste, era religiosa, no sentido de uma visão da “terra prometida”, mas essa hipótese jamais deve ser totalmente descartada, devido ao contexto da época, já que poderia existir entre os holandeses protestantes o objetivo de tanto colonizar quanto evangelizar (MENDONÇA, 1995: 23-24).

Para Mário Ribeiro Martins⁴, o protestantismo celebrou seu primeiro culto no Brasil em 14 de fevereiro de 1630, data do desembarque dos holandeses, quando o Reverendo Baers pregou a fé da Igreja Reformada no Brasil. Semanas após, a Páscoa foi comemorada pelos protestantes no antigo templo da Igreja Católica em Salvador, já em poder dos invasores.

Entre os anos de 1630 e 1645, as regiões de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão e Alagoas eram consideradas protestantes, devido à presença da Igreja Evangélica Calvinista no Brasil Holandês. Num primeiro momento, essas igrejas foram fundadas apenas para atender aos imigrantes holandeses protestantes, que tinham funções militares, sendo responsáveis pela dominação e administração do novo território. Posteriormente, algumas das igrejas protestantes passaram dessa fase militar e assumiram projetos pastorais, realizando cultos também em língua francesa e inglesa para os imigrantes protestantes, e atividades missionárias buscando a conversão e instrução de indígenas, para isso aprendendo as línguas dos nativos e dos colonos que haviam se instalado no Brasil⁵.

³ João Calvino fundou a Igreja Calvinista em Genebra, com influência da Reforma Protestante de Lutero, baseado nas Sagradas Escrituras. Sua principal visão era de promover os homens e as mulheres para uma nova relação com Deus, através do conhecimento das palavras bíblicas. A teologia de Calvino exigia que seus membros fossem assíduos aos cultos e tivessem retidão de caráter para que se aproximassem novamente de Deus, como lhes ensinou Jesus Cristo, que foi enviado por Deus para promover a religião (de religare) aos homens (AZEVEDO, 2007).

⁴ MARTINS, Mário Ribeiro. A Igreja Evangélica no Brasil holandês. *O Batista*, Rio de Janeiro, 26 maio. 1974: 05.

⁵ Idem.

É importante lembrar que o empreendimento holandês em terras brasileiras se deu no período da União Ibérica⁶. A Companhia das Índias tinha o comércio do açúcar como foco da expansão colonialista e capitalista no Brasil. Contudo, mesmo que para a União Ibérica a missão religiosa no Brasil fosse apenas secundária, “a história tem provado que o conquistador quase sempre acabou impondo a sua cultura juntamente com o sistema religioso” (MENDONÇA, 1995: 24). Por esse motivo, para Mendonça, após a invasão holandesa, mesmo que a conquista portuguesa tivesse sido definitiva, seria pouco provável que o Brasil continuasse católico, ao menos, uniformemente católico devido à presença dos holandeses que influenciaram outras pessoas com suas culturas e religiões (MENDONÇA, 1995: 24).

A igreja reformada da Holanda tinha vínculos com a igreja da França e da Suíça, pelo fato de todas elas serem de matriz calvinista. Com os conselhos das congregações locais, estava instalada completamente a organização eclesiástica calvinista no Brasil. As atas antigas e Sinodais deixam claro o quanto a Igreja Reformada Holandesa no Brasil fora totalmente puritana e rígida na sua disciplina, pois exigia ordem e silêncio nas proximidades dos lugares de culto, santificação absoluta no domingo, tendo como proibição do trabalho e de diversões aos domingos, proibição de juramentos, praguejamentos e duelos, que são práticas que recordam Genebra nos tempos de Calvino⁷.

No século XVII, os franceses novamente persistiram em ocupar um lugar no Brasil. A expedição de Rasilly e La Ravardiere tinha como objetivo fundar a França Equinocial⁸, no Maranhão. Apesar de Rasilly ser católico militante e de vir acompanhado por uma grande quantidade de capuchinhos, tinha na expedição um número expressivo de huguenotes. Existia uma liberdade religiosa sob a inspiração do Édito de Nantes⁹. Com a presença maior de católicos e por meio da liderança religiosa dos frades capuchinhos, os protestantes se restringiram somente às devoções particulares domésticas. Com a restauração dos

⁶ De 1580 até 1640, o rei da Espanha passou a ser, ao mesmo tempo, rei de Portugal, dando início ao **período** conhecido como “**União Ibérica**”.

⁷ Idem.

⁸ Dá-se o nome de “França Equinocial” aos territórios ocupados pelos conquistadores [franceses](#) em torno da [linha do Equador](#) (antigamente denominada de linha [Equinocial](#)), no [século XVII](#).

⁹ Documento assinado em Nantes, na França, no ano de 1598, pelo Rei Henrique IV. O Édito oferecia aos huguenotes a garantia de tolerância após 36 anos de perseguição e massacres por todo o país, com destaque para o massacre da noite de São Bartolomeu, em 1572. Com o Édito de Nantes ficava estipulado que a confissão católica permanecia a religião oficial do Estado, mas era agora oferecida aos protestantes a liberdade de praticar o seu próprio culto (GIUMBELLI, 2001).

portugueses no comando da colonização, em 1640, os indícios institucionais do cristianismo reformado no Brasil desapareceram por bastante tempo (MENDONÇA, 1995: 24).

De acordo com Mendonça, o século XVIII representou a era da Inquisição no Brasil. A intensificação das atividades do Santo Ofício e a legislação limitada em torno da imigração quase cessou a vida na colônia. A partir de 1720, uma lei determinou a proibição de qualquer pessoa estrangeira no Brasil, a menos que fosse para prestar serviço à Coroa ou à Igreja. Por esse motivo em 1800, o Barão Von Humboldt foi impedido de entrar na colônia, pois poderia influenciar o povo com “novas idéias e falsos princípios”, já que o barão pertencia a um país protestante.

Até a chegada da Família Real, no ano de 1808, não houve mais a manifestação pública de protestantes no Brasil. Somente após a vinda de D. João VI, especialmente devido à dependência portuguesa em relação à Inglaterra, expressa no ato de Abertura dos Portos “às nações amigas”, é que protestantes anglo-saxões obtiveram relativa liberdade para suas práticas religiosas no Brasil (MENDONÇA, 1995: 24- 26). O *status* jurídico do protestantismo foi se modificando aos poucos, ao passo em que foram ganhando mais espaço na sociedade brasileira. O protestantismo foi tolerado no Império e “liberado” na República (AZEVEDO, 2004: 152).

Baseado em Mendonça (1995: 27), podemos afirmar que os tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra a partir de 1810, diminuíram a hegemonia do catolicismo no Brasil, uma vez que a não-tolerância religiosa seria considerada um forte impedimento à execução dos tratados, tendo como consequência, dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência para com a Inglaterra. O artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação, assinado em 1810 por Inglaterra e Portugal, prometia para os súditos britânicos e demais estrangeiros uma

Perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus quer seja dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, (...) contanto porém que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que extremamente se assemelhem as casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhe sejam permitido para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino, [comprometendo-se todos a] se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, ao estabelecimento religioso e político (AZEVEDO, 2004: 152).

Em 1823, durante os debates da elaboração da Constituição Brasileira, a liberdade religiosa foi uma questão polêmica. Dos 90 constituintes, 19 eram padres. Por outro lado,

havia um número expressivo de parlamentares, portadores de visões liberais, que propugnavam uma abertura maior às diversas religiões e pressentiam a inevitabilidade de uma ligação cada vez mais intensa com nações do ramo protestante.

Por fim, o catolicismo permaneceu, a partir da Constituição de 1824, como a “religião oficial” do Estado. Contudo, manteve-se a “tolerância” do Tratado de Comércio e Navegação. O Código Criminal procurava defender os cultos não-católicos, impedindo que se viesse a “abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido”. O Código Criminal ainda impedia o ato de se “propagar (...) doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma”, pechas que não se podiam imputar à religião protestante (REILY apud AZEVEDO, 2004: 152).

Além de manter algumas restrições quanto à aparência das igrejas e capelas, e também quanto à divulgação e propaganda das religiões protestantes também os cemitérios permaneceram dirigidos exclusivamente pela Igreja Católica. Em algumas localidades, os católicos mantinham portas fechadas aos que não pertenciam à Igreja oficializada, o que dificultou para alguns protestantes o sepultamento de seus falecidos (MENDONÇA, 1995: 27).

A partir de 1824, um maior número de ingleses, alemães, suecos e norte americanos protestantes chegaram ao Brasil, onde viveram sua crença conforme a situação lhes permitia. Os ingleses implantaram comunidades religiosas fechadas à população brasileira, ao passo que grande parte dos alemães e suecos, pela ausência inicial de assistência religiosa, abandonaram a antiga fé. Existem alguns referenciais sobre a presença de comerciantes escoceses, dinamarqueses e suecos, especialmente na região norte do Brasil, porém de curta permanência, sendo provável ter havido muitos protestantes entre eles (MENDONÇA, 1995: 26).

Durante a República foi determinado, por meio do Decreto 119, que todas as confissões religiosas teriam “por igual a faculdade de exercerem o seu culto, regerem-se segundo a sua fé e não serem contrariados nos autos particulares ou públicos”, a todos cabendo “o pleno direito de se constituírem disciplina, sem intervenção do poder público” (REILY apud AZEVEDO, 2004: 152).

Mendonça (1995: 27, 28), frisa que os protestantes aproveitaram as oportunidades que o clima de tolerância oferecia. No final do século XIX, já estavam estabelecidas no Brasil todas as principais igrejas do protestantismo.

Conforme Azevedo (2004: 152), foi neste contexto histórico de liberdade de culto religioso que os batistas começaram sua migração para o Brasil, a partir metade do século

XIX. Essa migração também foi resultado do desenvolvimento protestante norte-americano de forma geral, e da religião batista, em particular. Para o autor, após a chegada da Família Real e subsequente proteção legal para a religião protestante, aconteceu a segunda chegada de reformadores, caracterizada por um “protestantismo de estrangeiros” realizado por técnicos, funcionários de missões diplomáticas, colportores (vendedores de Bíblias e livros cristãos), marinheiros, entre outros, para os quais eram oferecidos serviços religiosos em suas línguas (AZEVEDO, 2004:150).

Ainda conforme Azevedo, a imigração de europeus marca um terceiro momento da colonização protestante no Brasil. Esses imigrantes vieram ao país para trabalhar e conquistar sua propriedade, mas trouxeram consigo os costumes religiosos, que foram mantidos dentro das suas colônias, fechadas e semi-fechadas. Entre esses grupos de imigrantes se destacam protestantes anglicanos (1810), espalhados pela região costeira; suíços luteranos no Rio de Janeiro (1824); alemães luteranos (1863) que se instalaram especialmente na região Sul; norte-americanos batistas (1859/1882) que se fixaram em São Paulo e os batistas vindos da Letônia, que ficaram em Santa Catarina (1892)¹⁰ (AZEVEDO, 2004: 151).

Como consequência da manifestação migratória, teve início, a partir da segunda metade do século XIX, uma onda de imigração missionária. Com tantos imigrantes protestantes no Brasil, as igrejas de outros países tiveram necessidade de enviar missionários assalariados para pastorear esses fiéis residentes no Brasil. Vieram, nessa manifestação, agentes congregacionais no Rio de Janeiro, batistas na Bahia e episcopais no Rio Grande do Sul. De acordo com Azevedo, o projeto dos missionários contemplava um “novo” modelo de protestantismo, não em relação à doutrina, mas a um projeto para o Brasil que almejava o progresso da nação (AZEVEDO, 2004: 151).

O último período da instalação do protestantismo no Brasil se dá durante a República Velha, quando há uma nova onda de missionários estrangeiros chegando ao Brasil. Só que dessa vez, eles não contam com os recursos e assalariamento de uma igreja. São missionários que se dispõem a “viver pela fé”. Foram fundadas, no decorrer dessa etapa, igrejas tais como: Congregação Cristã no Brasil (1910) e Assembléia de Deus (1911), pois, são instituições religiosas, que se desenvolveram nos anos de 1930, com ramificações e sub-ramificações (AZEVEDO, 2004: 151).

¹⁰ A segunda metade do século XIX também foi o período de inserção das igrejas: Congregacional (1855), Presbiteriana (1862), Metodista (1878), Episcopal (1889), além dessas, em 1903 a Igreja Presbiteriana “dividiu-se”, originando a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

Mendonça (1995) estabelece que a luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira se desenvolveu em três níveis: o polêmico, o proselitista e o educacional.

No campo do proselitismo, a distribuição de bíblias foi considerada um importante fator estratégico para a penetração do protestantismo no território brasileiro, especialmente nos primeiros anos de abertura às diversas religiões. Os distribuidores de bíblias encontravam simpatia e facilidades por parte das pessoas de diversas camadas da sociedade, que tinham boa vontade em recebê-las.

A distribuição de bíblias não se restringiu somente às cidades onde o potencial de leitores era mais significativo. Os missionários entraram pelas áreas rurais, em que poucos indivíduos eram alfabetizados (MENDONÇA, 1995: 27). Para Santos (2005: 183- 184), o analfabetismo foi um assunto que os missionários precisaram enfrentar para conseguirem o sucesso durante a implantação e expansão do protestantismo no Brasil.

Inclusive, a educação foi usada como estratégia pelos missionários norte-americanos batistas. Eles se desempenhavam no duplo papel de evangelistas e professores. A Junta Missionária buscava incluir no seu quadro de pessoal especialistas na área da educação, especialmente mulheres. Algumas delas ganharam reconhecimento na educação brasileira, como: Márcia Brown, Marta Watts e Carlota Kemper (MENDONÇA, 1995: 95).

No campo da educação, as igrejas batistas de procedência norte-americana deram ênfase à criação de escolas privadas como forma de propagar, ainda que indiretamente, as idéias cristãs, através de uma pedagogia inovadora que conservaria, ao mesmo tempo, contato com os valores espirituais praticados pelo protestantismo (SANTOS, 2005: 183-184).

Em 1869, com a denominação de “Colégio Internacional”, surgiu em Campinas o primeiro desses educandários, tendo como fundador o missionário presbiteriano Nasch Morton¹¹. Assim sendo, a partir da década de 1930 e posteriormente, a Igreja Luterana, entre outras igrejas, fundaram escolas públicas e privadas para atender os brasileiros e estrangeiros que se encontravam no país (LEHMANN e TREVISOL, 2007: 01).

Santos (2005: 183, 184), lembra que apesar da interferência protestante na educação do Brasil, a colonização portuguesa, predominantemente católica, influenciou praticamente todo o sistema de ensino brasileiro. A visão de educação adotada por Portugal para suas colônias predominou e criou formatos que ainda hoje se encontram presentes no âmbito educacional do país.

¹¹ Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950:34.

O jesuíta, por conseguinte, plantou, para sempre, a educação cristã na carne e na alma do brasileiro. O longo tempo de colonização do português, a união da Igreja Católica com o Estado em Portugal e no Brasil, o ensino exclusivamente nas mãos de padres, a participação efetiva e profunda dos filhos de Santo Inácio de Loyola na construção de todos os setores do Brasil (...) o ensino e a educação de dois séculos e a própria política educacional do jesuíta constituem alguns dos fatores que marcaram indelevelmente o Brasil, fazendo da educação cristã e do cristianismo coordenadas em que se encontram o Brasil e os brasileiros de todos os tempos (TOBIAS apud SANTOS, 2005: 183-184).

As instituições educacionais batistas foram implantadas tendo como pano de fundo as desigualdades de idéias políticas, o advento do regime republicano, o crescimento do comércio externo, o aparecimento de pequenas indústrias, a necessidade de novas habilitações, entre outros, ligados às ideologias inovadoras que os missionários das igrejas protestantes e a organização batista traziam consigo (SANTOS, 2005: 190-191).

Os missionários da Igreja Batista, assim como de outras denominações evangélicas, enxergavam o catolicismo brasileiro como uma religião supersticiosa, sincrética e medievalista (BAGBY, GRAHAM e TAYLOR apud CAVALCANTI, 2001: 09). Para os pregadores inspirados na Reforma, a Igreja Católica não tinha nenhuma condição de auxiliar o Brasil a se tornar um país moderno. As festas religiosas, procissões, dentre outras práticas do ramo católico, apenas serviriam para o atraso do país (BELL, CRABTREE e WILLEMS apud CAVALCANTI, 2001: 09). Os protestantes, por sua vez, eram vistos como gente que tinha uma visão progressista, comprometida com o avanço intelectual e tecnológico do Brasil.

Ainda de acordo com Santos, inicialmente as escolas protestantes concentraram seus serviços nos cursos secundários, atualmente ensino médio, que era sujeito a pouca regulamentação governamental. Na sua maioria, os cursos secundários foram freqüentados pelos filhos de componentes da classe alta e média. Havia a possibilidade de atrair esse público para convertê-lo a religião protestante e para colocá-lo em contato com a “cultura protestante”.

Com a conquista das camadas mais proeminentes da sociedade, que conservavam uma parcela do poder político, o grupo evangélico conquistou a autoridade e a respeitabilidade de que tanto precisava (SANTOS, 2005: 190-191).

Protestantismo e liberalismo no Brasil

Nos primeiros anos da segunda metade do século XIX, o Brasil enfrentou um período de modernização vinculado ao auge do café. O progresso comercial e industrial exigia um

imenso contingente de mão-de-obra qualificada e, como as fronteiras brasileiras já estivessem abertas para a entrada de imigrantes, o processo de imigração foi intensificado (PINHEIRO, 2004: 06).

O recrutamento de imigrantes começou por volta de 1820, porém alcançou seu apogeu somente na segunda metade desse século (BURNS apud CAVALCANTI, 2001: 06). O país recebeu entre quatro e meio a cinco milhões de estrangeiros europeus e norte-americanos. A maior parte deles se instalou em províncias sulistas. Uma grande parte dos estrangeiros que chegou ao Brasil era de origem européia e católica. Outra pequena parcela, protestante, era provinda dos EUA (BURNS, CARNEIRO LUEBKE; WILLEMS, apud CAVALCANTI, 2001: 06).

Como no período do Brasil Colônia, a modernização do Brasil Império esteve ligada à influência européia. A urbanização, especialmente no eixo Rio de Janeiro e São Paulo, se deu por referência às cidades da Europa, e, conseqüentemente, facilitou maior acesso às novidades do mundo cultural do hemisfério norte (BARMAN; GRAHAM apud CAVALCANTI, 2001: 04).

O crescimento da exportação cafeeira e a Guerra do Paraguai (1865-1870) são considerados dois dos aspectos que colaboraram para o aceleração da importação de novas tecnologias para o Brasil (BELLO, BURNS; POPPINO apud CAVALCANTI 2001: 04). No decorrer do surto modernizador, o país refez os seus sistemas de transporte, produção industrial e comunicações. As bases da transformação são realizadas nas décadas de 1840 e 1850, com a passagem de legislação pró-indústria (a lei Alves Branco de 1844, a permissão para a importação de maquinário industrial no ano de 1846), a construção de novas instituições financeiras (a lei de incorporação comercial de 1849, o código comercial de 1850, a implantação do Banco do Brasil a partir de 1851) e a ordenação de altas tarifas de importação (BURNS, POPPINO; VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001: 04).

Em torno dos transportes, o país desenvolveu aceleradamente uma rede ferroviária para não dificultar o escoamento de seus produtos agrícolas para as cidades portuárias. No ano de 1874, o Brasil possuía cerca de 800 milhas de estrada de ferro. Entre 1875 e 1879, foram construídas mais 1023 milhas. De 1880 até 1884 mais 2200 milhas são implantadas. De 1885 a 1889, outras 2500 expandem o sistema ferroviário. Até a criação da República, o Brasil contou com 6000 milhas de ferrovias. Com esse patamar, quatorze das vinte províncias brasileiras estavam ligadas por meio da rede ferroviária, apesar da maioria das linhas se localizarem na região Sul do país (BURNS apud CAVALCANTI, 2001: 04).

Na área das comunicações, as transformações foram bastante radicais. Os correios, em 1880, distribuíram cinquenta milhões de cartas e atingiram o nível de distribuição de duzentos milhões de cartas em 1890 (BELLO apud CAVALCANTI, 2001: 04). Nesse mesmo ano ocorreu a implantação do telégrafo no Brasil. Em 1896, a rede telegráfica se expandiu até as mais longínquas regiões do país como, por exemplo, ao Estado do Amazonas e do Mato Grosso. De dez estações telegráficas existentes em 1861, com quarenta milhas de cabo transmitindo duzentas e trinta e três mensagens, o Brasil chegou a ter cento e setenta e uma estações a partir de 1896, com seis mil e quinhentas milhas de cabo, processando seiscentas mil mensagens (BURNS apud CAVALCANTI, 2001: 04). A partir de 1874, o país ficou ligado com a Europa por intermédio do cabo trans-oceânico e, na década de 1880, quatro centros urbanos, Salvador, São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro, foram servidas por telefonia (BURNS, VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001: 04).

Os liberais e maçons, que ansiavam pelo “desenvolvimento” do país, acreditavam que os imigrantes eram os trabalhadores qualificados de que o Brasil precisava. Tratava-se de mão-de-obra habilitada tecnicamente e capaz de levar a nação para o rumo da modernização. Nessa época, o Brasil chegou até a financiar as despesas de transportes dos novos imigrantes, assim contando com a chegada de 133.000 imigrantes durante o ano de 1888 (PINHEIRO apud CAVALCANTI, 2001: 07). Na perspectiva da ideologia do liberalismo, a nação representava a evolução alcançada durante a metade do século XIX. A construção da “nação”, sinônima de “progresso”, significou a assimilação de grupos e povos menores. Isso não afetou, necessariamente, o abandono de antigas lealdades e sentimentos, embora pudesse ocorrer (HOBBSAWN, 1990: 51).

Para Richard Bellamy (1994: 12-13), o liberalismo é considerado uma ideologia burguesa que é impossível de tornar-se real devido ter como principal característica uma visão relacionada ao interesse individual ligado à independência na sociedade capitalista. O interesse liberal tem um discurso moral vinculado ao individualismo, que oferecia de qualquer forma o caminho ideal para a realização do controle e de uma sociedade harmoniosa, economicamente contra a injustiça e totalmente a favor da melhoria da condição de vida conseguida pelo esforço próprio e não por privilégio. A distribuição diferente da riqueza resultava com frequência na satisfação dos caprichos dos ricos em prejuízo das mais urgentes necessidades dos pobres. Dessa maneira, a ética liberal do mercado tem sido praticamente contraditória em torno do pensamento individual que se caracterizou na prática (BELLAMY, 1994: 12-13).

A abertura para novas idéias trouxe ao Brasil, no último quartel do século XIX, diversas ideologias, como o Iluminismo, o Positivismo e o Darwinismo, que auxiliaram fomentar nas classes médias a pretensão de reformas sociais mais amplas. Os intelectuais, oficiais do exército, profissionais de classe média, dentre outros grupos urbanos fundaram associações para promover causas liberais, como por exemplo, federalismo, o abolicionismo, o favorecimento da imigração européia, a reforma eleitoral, a separação entre a Igreja e o Estado, assim como as idéias dos republicanos (BURNS, AZEVEDO, LUSTOSA; VIOTTI da COSTA apud CAVALCANTI, 2001:05).

Os imigrantes norte-americanos trouxeram para o Brasil suas tecnologias e seus costumes, bem como a sua religião. Esse conjunto de práticas e saberes foi considerado por esses imigrantes como mais “desenvolvido” e “moderno” (GOLDMAN, WEAVER; WILLIAMS apud CAVALCANTI, 2001: 06). Entre outras tecnologias trazidas por imigrantes norte-americanos, encontram-se novas técnicas de transporte de carga e de lavragem de terra, fogões modernos (bem como outros utensílios de cozinha e copa), casas de tijolos, lâmpadas de querosene, trituradores de café, agrimensura, máquinas de costura, e quatro novas culturas agrícolas, como: o algodão de serra, a melancia americana, nozes e uvas (DAWSEY and DAWSEY, DUNN, MENDONÇA; WEAVER apud CAVALCANTI, 2001: 06).

As missões protestantes modernas chegaram ao Brasil no período do reinado de D. Pedro II, a partir de 1831 (FLYNN apud CAVALCANTI, 2001: 04). O sistema político da época tem como referência a monarquia francesa e a economia se pautava na exportação de matérias-primas, integrando o país aos princípios básicos do liberalismo do século XIX (BARMAN; GRAHAM apud CAVALCANTI, 2001: 04). Na mesma época, o Brasil viveu um surto modernizador estimulado pelos interesses do imperador e das elites econômicas (BARMAN, SIMMONS; WILLIAMS apud CAVALCANTI, 2001: 04).

Os missionários, ao chegarem ao Brasil, desfrutaram de um contexto social aberto às inovações de comunicação e transporte. Tais “melhorias” garantiram aos missionários protestantes uma comunicação mais estreita com as suas denominações religiosas de origem e uma maior integração dos pontos missionários estabelecidos pelo país (CAVALCANTI, 2001: 05).

Podemos observar que os batistas no Brasil, ao implantarem sua ideologia¹² de progresso econômico e espiritualidade, não foram capazes de realizar essa pretensão sem o apoio de outros grupos.

¹² FERREIRA, Ebenézer Soares. Há cem anos igreja e pastor metodista se tornavam batistas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1995: 08.

Desses dados percebemos que a presença protestante representou para o Brasil um movimento importante que contribuiu para a modernização e transformação tanto no sistema econômico, político e social. A presença protestante significou uma “nova cultura” para o povo brasileiro que era apenas católico por convicção ou por obrigação, sendo o protestantismo uma forma de religião constantemente vigiada pelo clero católico.

Os batistas no Brasil

Existe uma grande disputa entre os batistas acerca da vinda da denominação para o Brasil. Alguns pesquisadores batistas consideram como marco inicial a instalação da Igreja Batista de colonos norte-americanos em Santa Bárbara d'Oeste, São Paulo, em 1871. Outros defendem o ano de 1882, quando os missionários da Junta de Missões Estrangeiras da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos chegaram ao Brasil e fundaram a Igreja Batista de Salvador, na Bahia.

Os batistas norte-americanos acreditavam que possuíam uma missão no mundo: salvar pessoas, implantar sua democracia e espalhar sua ideologia de progresso econômico. Na América Latina, a estratégia inicial se deu por meio do envio de *colportores* (vendedores de Bíblias e livros cristãos), que no retorno ao seu país, levavam informações sobre o Brasil. Um deles, ao escrever uma carta em 1840, sugeriu a imigração de norte-americanos e a atuação de “evangelizadores piedosos” como primordiais para prosperidade do país. Essas duas estratégias foram utilizadas (AZEVEDO, 2004: 191-194).

Após enviarem missionários à China, à Índia e à África, os batistas do Sul dos Estados Unidos começaram a viajar para os países vizinhos. Assim, em 1851, o relatório de uma comissão especial questionava: “será que a parte sul de nosso próprio continente não apresenta clamores especiais para nossa obra missionária?”. Em 1857, a Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos voltou o olhar para o Japão e para o Brasil “como importantes e proeminentes campos de trabalho missionário”. Então, ficou decidido que, a partir de 1859, o Brasil seria recomendado como um campo missionário para os batistas sulinos dos Estados Unidos (AZEVEDO, 2004: 191-194).

Em 1859 o missionário Thomas Jefferson Bowen, que atuava na África, ficou bastante doente e, de retorno para os Estados Unidos, começou a estudar a língua yorubá, para poder atuar como missionário no Brasil entre a população de escravos trazidos do continente africano. Diante das restrições legais, Bowen conseguiu apenas distribuir algumas Bíblias e falar com alguns escravos, evangelizando-os por pouco menos de nove meses (AZEVEDO, 2004: 191-194). Essa foi a primeira entrada missionária batista no Brasil.

A segunda entrada de missionários batistas não obedeceu a um plano. Na década de 1860, os norte-americanos passaram a se interessar especialmente pela Amazônia¹³. Nesse mesmo período iniciou-se uma discreta imigração de famílias do Sul dos Estados Unidos para o interior de São Paulo, como consequência da Guerra de Secessão norte americana. Esses migrantes escolheram o Brasil, influenciados pela leitura dos colportores. Posteriormente chegaram os missionários (AZEVEDO, 2004, 191-194).

Azevedo (2004, 191-194), ressalta que, a partir da migração motivada pela guerra entre escravagistas e anti-escravistas nos EUA, estava “descoberto” o Brasil, para os batistas. Os primeiros missionários vieram não somente para evangelizar, mas também para fugir da guerra. Assim, esses primeiros que chegaram ao Brasil, foram aos poucos divulgando aos irmãos batistas norte-americanos como era a vida no novo país. Dessa forma, a vinda de missionários em direção ao Brasil não cessaria mais, mesmo depois de parada a migração.

No começo de 1865, milhares de sulistas¹⁴, atraídos por uma nova oportunidade, mostrada pela propaganda imigracionista do Brasil, começaram a vir ao país, fixando-se principalmente no Estado de São Paulo, mais precisamente na região de Santa Bárbara d’Oeste. Como a maior parte da colônia norte-americana era composta de evangélicos, foi necessário formar igrejas, dentre elas, a batista, organizada no dia 10 de setembro de 1871, sob a liderança do pastor Richard Ratcliff.

Os primeiros membros batistas no território brasileiro eram pessoas humildes, como por exemplo, um funileiro, um ex-padre, uma dona de casa e as domésticas dos missionários. Após um ano da fundação, a Igreja Batista no Brasil já contava com vinte fiéis e seis “pontos de pregação” na cidade de Santa Bárbara D’Oeste (HARRISON e REIS PEREIRA apud CAVALCANTI, 2001: 09).

Segundo Feitosa (1978), os primeiros missionários batistas sofreram perseguições e ações violentas por parte da Igreja Católica. A oposição oferecida pelo catolicismo, por exemplo, em Pernambuco provocou tumultos durante cultos, queima de bíblias em praça pública, ameaça e agressão física aos adeptos da crença protestante. Mesmo existindo a tolerância para com as “outras religiões”, era comum a união dos que exerciam o poder público aos eclesiásticos católicos, para provocarem desconfortos aos protestantes. Mesmo

¹³ Ebenézer Gomes Cavalcante frisa que a primeira marca de uma manifestação protestante no Amazonas se deu em 1862 por meio de missionários diplomatas e colportores como Daniel P. Kidder e James C. Fletcher. A contribuição de ambos também significou para o Brasil a realização de pesquisas do sábio Agassiz (CAVALCANTE, Ebenézer Gomes. Amazonas: origens evangélicas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1975: 05).

¹⁴ Colonos imigrantes do Sul dos Estados Unidos, que chegaram ao Brasil em 1865 devido aos acontecimentos da Guerra de Secessão (PEREIRA, 2001: 68).

assim, a partir da fundação da Primeira Igreja Batista no Brasil, a presença batista expandiu-se para várias regiões do país.

O casal Willian e Anne Bagby, sucessores de Ratcliff, migrou para o Brasil incentivado pelo ex-general sulista Alexander Travis Hawthorne.

O general esteve em 1868 no Brasil, avaliando o projeto de assentamento de colonos norte-americanos. Doze anos depois, Hawthorne, convertido à Igreja Batista, apresentou à Junta de Missões Estrangeiras uma proposta de envio de mais missionários para o território brasileiro, pois tinha a visão de que Deus preparava o mencionado país para receber “os exércitos evangelizadores de nossa denominação, em especial para os batistas do sul” dos EUA. A recomendação foi aceita (AZEVEDO, 2004: 191-194).

Assim, o casal Anne Luther e Willian Bagby chegou em 1881 ao Rio de Janeiro, de onde seguiu para Santa Bárbara d'Oeste, onde ele foi escolhido pastor das igrejas (comunidades) batistas já organizadas. Em seguida, com os recém-chegados Zachary e Kate Taylor, os Bagby foram para a Bahia, novo campo de missão. Os quatro missionários, mais o pastor brasileiro Antonio Teixeira de Albuquerque, transferiram-se para Salvador, onde, no final de dois meses e meio, fundaram a Primeira Igreja Batista em Salvador, no dia 15 de Outubro de 1882 (AZEVEDO, 2004: 191-194).

A família Bagby teve grande influência na estruturação da obra batista no Brasil. Contribuiu para a fundação de igrejas, a pregação itinerante e o trabalho pastoral. A evangelização, a educação e o uso da imprensa foram constantes em seu trabalho¹⁵. Quando William Bagby faleceu em 1939, a Convenção Batista Brasileira possuía 600 igrejas com cerca de 50 mil adeptos, com mais 5 colégios, dois seminários teológicos, duas escolas de treinamentos para mulheres, escolas primárias e industriais, a Casa Publicadora, O *Jornal Batista* e uma sede para as juntas missionárias. Das escolas fundadas por Bagby, surgiram grandes líderes do governo brasileiro, educadores, médicos, empresários, produzindo uma receptividade ao evangelho que beneficiou todos os missionários que vieram posteriormente¹⁶. Segundo Carns, a denominação Batista cresceu muito rápido, devido ao trabalho persistente do casal Bagby, que percorreu o Brasil expandindo a igreja (CARNS apud SANTOS, 2005: 11).

Em 1866, existiam no Brasil quatro igrejas batistas restritas aos colonos estrangeiros. Uma era localizada em Salvador, uma no Rio de Janeiro, uma em Maceió e outra em Recife. Em 1888, fase em que a família Bagby já atuava no Brasil, existia oito igrejas missionárias, em seis estados, somando um total de 212 adeptos. Vinte e cinco anos depois da

¹⁵ Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996: 15.

¹⁶ Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996: 15.

inauguração da Primeira Igreja Batista em Salvador, já havia em todo Brasil mais de 4.000 membros batistas¹⁷. Devemos lembrar que são considerados membros da Igreja Batista somente as pessoas batizadas, sejam elas crianças, jovens ou adultos.

O rápido crescimento da Igreja Batista também está relacionado com as imigrações da Letônia, que se deram por causa das perseguições políticas e religiosas:

Vinte e cinco famílias imigraram para o Brasil em 1890". Elas organizaram a primeira Igreja Batista Letã em Rio Novo (Santa Catarina), com 75 membros em 1892. Esta congregação obteve uma grande gleba de terra em Nova Odessa e abriu caminho para a imigração em massa de sua pátria. De 1890 a 1922 quinze colônias letãs formaram-se no Brasil, constituídas principalmente por batistas. Treze igrejas foram formadas entre eles com mais de 500 membros. Nos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial, mais de 2.000 batistas letos imigraram, aumentando o número de batistas no Brasil (CAINS apud SANTOS, 2005: 11).

Conforme Ebenézer Gomes Cavalcante, os batistas letos chegaram ao Brasil com o intuito de ficar, miscigenar, "abrasileirar", trabalhar e evangelizar, formando uma notável elite de construtores de nação, o que se confirma pela sua inserção na lavoura, no comércio, na industrialização, nas artes e na "santíssima Fé"¹⁸.

Como fizeram os batistas de outras procedências geográficas e culturais, à proporção que as igrejas comunidades iam surgindo, os batistas letos foram organizando a estrutura eclesiástica nacional através de juntas executivas setoriais, cuidando, porém, de manter a autonomia de cada igreja local. A organização nacional atuava através de duas estratégias principais: a manutenção de um programa de publicações (revistas, Bíblias, hinários, jornais e livros) e a instituição de um programa de formação de lideranças por meio de estabelecimentos regulares de ensino, como institutos e seminários (AZEVEDO, 2004: 195).

Em 1900, os batistas tinham 21 missionários, 35 igrejas locais, e 1932 membros. Depois de sete anos, por ocasião da comemoração dos primeiros vinte e cinco anos de missão batista no Brasil, a igreja possuía 83 igrejas em 20 Estados e 4.276 adeptos (BELL, CRABTREE; MESQUITA apud CAVALCANTI, 2001: 10).

Para Mesquita (1940: 351), a análise do crescimento da Igreja Batista no Brasil é de suma importância. Entre 1907 e 1910, a denominação passou de 83 igrejas e 4.276 adeptos para 110 igrejas e 7.004 adeptos. Entre 1911 e 1924, passaram de 110 igrejas para 324 e

¹⁷ ROSA, Joaquim de Paula, LOPES, Orivaldo Pimentel Lopes e AZEVEDO, Juarez. Brasil 2000: os batistas planejam sua evangelização. *O Batista*, Rio de Janeiro, set 1991: 09.

¹⁸ CAVALCANTE, Ebenézer Soares. Uma epopéia Batista. *O Batista*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1975: 07.

de 7.004 membros para 27.000. Entre 1925 e 1935, a Igreja Batista não parou de crescer, pois passou de 324 igrejas para 539.

Na análise de Azevedo (2004: 197), nas primeiras três décadas do século XX, a Igreja Batista experimentou grande crescimento no Brasil. Os Estados onde havia o maior número de igrejas e adeptos eram o Rio de Janeiro que passou de 11 igrejas e 955 fiéis no ano de 1907 para 101 igrejas e 16.716 adeptos em 1935 e São Paulo que passou de 7 igrejas para 62 e 325 membros para 5534, no mesmo período (MESQUITA, 1940: 351).

Os Estados onde a Igreja Batista conseguiu maior número de adeptos, nas primeiras décadas, localizavam-se no litoral, onde a população brasileira era mais concentrada e urbanizada (Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Pernambuco e Bahia). Além das questões sociais e geográficas, o trabalho missionário no interior do Brasil ainda era tímido com relação às cidades litorâneas.

Ainda entre 1907 e 1935, os batistas no Brasil também adquiriram muito progresso em torno de bens materiais. Segundo Mesquita:

Não podemos olvidar o nosso progresso material. Em 1907 não possuíamos mais que 229: 220\$000 de propriedades pertencentes a igrejas. Em 1935 possuíamos 9.658:008\$000. Em propriedades denominacionais, não tínhamos nada. Os colégios salvo o da Baía, moravam em casas alugadas. Não tínhamos um palmo de terra no Rio e nem mesmo qualquer instituição além da pequena Casa Editora. Não possuíamos nada em Pernambuco, S. Paulo, Minas e outros estados onde agora possuímos milhares de contos de imóveis. Em 28 anos compramos as propriedades do Rio, as de Pernambuco, Minas, S. Paulo, Alagoas, R. G. do Sul e Campos. Ao todo possuem os batistas em 1935 a considerável soma em imóveis denominacionais 10.077:000\$300 e as propriedades das igrejas subiam a 9.658:008\$000 (MESQUITA, 1940: 352).

O progresso material dos batistas se convertia em investimentos no campo da evangelização, nos Estados onde a sua atuação ainda era precária, pois:

Em 1907] Os estados de Sergipe, Paraíba, R. G. do Norte, Ceará, e Maranhão, no Norte, e os de Mato Grosso, Goiaz, Paraná, Sta. Catarina e R. G. do Sul no sul não tinham trabalho organizado e nem mesmo qualquer igreja. Em todos eles há agora futuros Campos com regular número de igrejas. Se em 28 anos podemos entrar em todos estes estados e estabelecer o trabalho, ao mesmo tempo que os Campos existentes naquela época se desenvolveram do modo que sabemos, podemos esperar coisas muito maiores no futuro, com os alicerces que temos presentemente (MESQUITA, 1940: 352).

Nota-se que entre batistas existiu (existe) uma correlação entre prosperidade financeira e espiritual. Então, é importante aumentar a arrecadação de dízimos para financiamento de aberturas de novas igrejas, com o intuito de “salvar” mais pessoas.

Doutrinas e costumes batistas

As igrejas batistas compartilham os mesmos princípios da reforma protestante. As suas doutrinas são, portanto, baseadas nas Sagradas Escrituras e nas decisões “ortodoxas” tomadas nos Concílios das Igrejas Antigas, nos costumes anabatistas do século XV e XVI. Segundo Cavalcante (2001: 19), a doutrina da Igreja Batista é de “absoluta lealdade a Cristo”. Pessoas “ajuizadas” e firmes na interpretação das palavras que foram relatadas no Novo Testamento. Para os batistas, as palavras contidas na Bíblia encerram as grandes doutrinas e verdades do Mestre e Salvador (Jesus Cristo) de todas as pessoas: “todo aquele, pois que ouve estas palavras e as observa será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mateus, 7: 24).

A Igreja Batista não batiza recém-nascidos. Tal costume é originário dos anabatistas (movimento pré-reformador medieval que batizava por imersão, ou seja, nas águas, somente as pessoas adultas) do século XVI (BURNS, 1971). O bebê é apenas apresentado diante da Igreja, assim como Jesus foi apresentado no costume hebraico.

A Igreja em estudo pertence à identificação tradicional, ou seja, na linha congregacional, defendem a congregação e os primeiros suplentes como sua principal vestimenta. Defendem, também, os princípios básicos da Bíblia como única regra de fé e a livre interpretação de cada indivíduo¹⁹.

Para ser membro da Igreja Batista é necessário passar pelo batismo após a profissão de fé, testemunho público de crença. O interessado em ingressar na igreja, estuda a sua doutrina e, concordando com ela, o seu nome é levado à assembleia, sendo batizado ele torna-se membro. Se um indivíduo é membro de uma Igreja Batista de outra cidade e quer ser adepto desta instituição evangélica em outra igreja, este tem que ser transferido por meio de carta²⁰. E de fato:

Uma pessoa que sai de uma igreja que não é batista, como por exemplo, da Assembleia de Deus e vem pra cá, ela passa por alguns meses na sala de doutrina da igreja, então logo em seguida seu nome é levado à assembleia, ela própria afirma que concorda com os princípios da igreja, então é aceita por aclamação²¹.

Conforme Pereira (2001: 16), “os batistas de hoje não podem admitir que a virgem Maria tenha o papel de co-redentora, pois tem Jesus Cristo como único redentor da humanidade, o que se lê com absoluta constância nos escritos neotestamentários, pois

¹⁹ Entrevistado: pastor João Luiz da Silva. Data: 08 de setembro de 2003.

²⁰ Idem.

²¹ Ibidem.

podem ser consultados, entre muitos outros: Mateus 1.12, João 4.42, Atos 5.39 (...). (PEREIRA, 2001: 16).

Segundo este mesmo autor, “não crêem os Batistas (assim como os luteranos) em obras para a obtenção da salvação, mas crêem como também os cristãos primitivos, que todo aquele que é salvo pela fé demonstra pelas obras que foi salvo. Em primeiro lugar a fé e depois as obras como consequência. Nunca o contrário” (PEREIRA, 2001:16). Para esta discussão, este autor baseou-se em Marcos 1.50, Lucas 7.50.

Pereira (2001: 17) frisa que os batistas “(...) não reconhecem no batismo nenhum mérito para salvação, consideram-no um ato de obediência e testemunho por meio do qual uma pessoa convertida que tem fé em Cristo, entra para uma Igreja de Cristo”.

Para os batistas, o batismo de imersão simboliza que o indivíduo está morrendo para o mundo e nascendo para uma nova vida em Cristo. Em relação às doutrinas, não acreditam no purgatório, no culto às imagens, nos santos e na Virgem Maria, pois os batistas consideram que essas crenças não possuem fundamento bíblico.

Ainda, os batistas atualmente consideram que suas igrejas são comunidades de crentes batizados, que reúnem para o culto, “celebrando as ordenanças do batismo e da ceia para a edificação mútua e a pregação do Evangelho. São lideradas espiritualmente pelos seus pastores; tem também seus diáconos, que auxiliam aos pastores” e a Igreja é governada por uma democracia executiva e não legislativa, suas leis e doutrinas são seguidas apenas por meio do Novo Testamento (PEREIRA, 2001 p.17). Também a denominação evangélica referida exige absoluta liberdade religiosa para todos e é por isso que as igrejas batistas são todas independentes entre si (CAVALCANTE, 2001: 20).

Cavalcante (2001: 20), deixa claro que a Igreja Batista tem um cuidado especial com os novos convertidos, devido serem “bebês” na crença. Somente no decorrer do tempo, ou seja, depois de bastante estudo da Bíblia, pregações e oração é que o novo convertido inicia a “caminhar com seus próprios pés”. Posteriormente, o recém-batista, com o desenvolvimento da leitura bíblica e oração, já tem a capacidade de falar do evangelho para “aqueles que ainda não conhecem Cristo como Salvador da humanidade”. O batista, ao realizar a evangelização, torna-se pregador do evangelho e contribui para o crescimento de convertidos, que também mais adiante “(...) passam a atuar na igreja como pregador do evangelho”.

As Igrejas Batistas da Convenção Batista Brasileira adotam, de maneira geral, as mesmas doutrinas. Sendo que, dificilmente ocorrem mudanças nos seus conceitos

doutrinários. Atualmente, existem igrejas batistas filiadas a CBB que não seguem os mesmos moldes definidos pela referida Convenção, porém continuam como igrejas filiadas.

Referências bibliográficas

AZEVEDO, Israel Belo de. *A celebração do indivíduo: a formação do pensamento batista brasileiro*. São Paulo: Vida Nova, 2004.

AZEVEDO, Marcos Antonio Farias de. *A liberdade cristã em Calvino: uma resposta ao mundo contemporâneo*. Tese de Doutorado em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RIO, 2007.

BELLAMY, Richard. *Liberalismo e sociedade moderna*. São Paulo: UNESP, 1994.

BURNS, Edward Mcnall. *História da Civilização Ocidental*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1971.

CAVALCANTI, H. B. *O projeto missionário protestante no Brasil do século XIX: comparado a experiência presbiteriana e batista*. Revista de Estudos da Religião - REVER. São Paulo: PUC, nº 04, 2001. Disponível em: www.pucsp.br/rever. Acessado em 29/07/08 às 8 horas.

CAVALCANTE, Maria Irene. *O resgate histórico da Primeira Igreja Batista de Campo Grande e suas contribuições à sociedade campograndense*. 2001. Monografia (Bacharel em História), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.

FEITOSA, José Alves. *Breve histórico dos batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Souza Marques, 1978.

FERREIRA, Ebenézer Soares. *História dos batistas fluminenses*. Rio de Janeiro: Editora do autor, s.d.

FERREIRA, Valdinei Aparecido. *A expansão internacional das Igrejas Evangélicas: direção e sentido*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. *O protestantismo na atualidade*. In: Revista Espaço Acadêmico, nº 59- Abril de 2006.

GIUMBELLI, Emerson. *A Religião que a Modernidade Produz: Sobre a História da Política Religiosa na França*. Vol. 44. Rio de Janeiro, 2001.

HOBSBAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra-1990.

LEHMANN, O. M; TREVISOL, J. V. As raízes religiosas na escola comunitária do Sul do Brasil. In: VI Congresso Internacional de Educação, 2007, Concórdia. *Anais do VI Congresso Internacional de Educação*. Educação: visão crítica e perspectivas de mudança. Concórdia: Editora UnC, 2007. v. 01. p. 01-16. Disponível em www.pesquisa.uncnet.br/pdf/educacao. Acessado em 29/07/08 às 7 horas.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *O celestes porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

MESQUITA, Antônio N. de. *História dos Batistas do Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista do Rio de Janeiro, 1940.

PEREIRA, José dos Reis. *História dos Batistas no Brasil*. Rio de Janeiro: JUERP, 2001.

PINHEIRO, Elias Oliveira. *Para além do proselitismo protestante: as mudanças causadas na configuração do campo religioso brasileiro durante as atividades protestantes no Brasil (1850-1900)*. Goiás: UEG, 2004.

Disponível em: www.revistaancora.com.br/2/06.pdf. Acessado em 26/07/08 às 8 horas.

SANTOS, Edwiges Rosa. *A implantação e estratégias de expansão do protestantismo presbiteriano no Brasil império*. São Paulo: PUC, 2005: 173-192.

Disponível em www.pucsp.br/ultimo andar. acessado em 26/07/08 às 8 horas.

Fontes Escritas

Almanaques

Almanaque Batista da Convenção Batista Brasileira. *Estatística geral das Igrejas Batistas, referente ao ano de 1948*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1950.

Jornais

2675 igrejas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 17 out. 1976.

As convenções do Rio, *O Batista*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1975.

A voz e o apelo da estatística. *O Batista*, Rio de Janeiro, 31 dez. 1978.

CAVALCANTE, Ebenézer Soares. Uma epopéia Batista. *O Batista*, Rio de Janeiro, 09 mar. 1975.

_____. Ebenézer Gomes. Amazonas: origens evangélicas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1975.

FERREIRA, Ebenézer Soares. Há cem anos igreja e pastor metodista se tornavam batistas. *O Batista*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1995.

Os Bagby e a denominação batista no Brasil. *O Batista*. Rio de Janeiro, 13 a 19 out. 1996.

ROSA, Joaquim de Paula, LOPES, Orivaldo Pimentel Lopes e AZEVEDO, Juarez. Brasil 2000: os batistas planejam sua evangelização. *O Batista*, Rio de Janeiro, set 1991.

Fontes Orais

ENTREVISTA. João Luiz da Silva. (Estéreo/K7). Produção: Ademar Alves da Silva. Três Lagoas: UFMS, 2003. 2h (aprox.). Son.

Recebido em: 25/02/2011
Aprovado em: 31/05/2011